



imagem: pxhere.com

Um dos maiores poetas da literatura italiana e mundial, Giacomo Leopardi (Recanati, 1798 – Napoli, 1837), tem frequentemente, sua produção escrita associada à melancolia, ao pessimismo, ao desespero, à desilusão, à dor. Considerado por parte da fortuna crítica como poeta da morte, todavia, sua obra é também plena de vigor, de ironia e de leveza, ou seja, plena de vida.

Menino prodígio (*enfant prodige*) de uma família aristocrática e conservadora, tem a infância e a juventude marcadas por um pai extravagante e autoritário e uma formação fundamentada em valores religiosos e morais rígidos. Cedo aprende grego, latim, hebraico, francês e alemão. Cresce em Recanati, um pequeno borgo pontifício, distante dos grandes centros culturais. Porém a morada da família, uma espécie de gaiola dourada, é provida de uma prodigiosa biblioteca: quatro salas plenas de obras clássicas do grego, latim, árabe, hebreu etc., que faz pensar na biblioteca imaginária de Borges: “O universo (que outros chamam a Biblioteca) é composto de um número indefinido, e talvez infinito de galerias hexagonais”[1]. Para Leopardi, seu *universo biblioteca* é uma das principais fontes de formação e fomenta sua erudição. Durante boa parte de sua vida, esse espaço, com seu rico acervo, foi seu cosmos, seu refúgio, seu esconderijo, sua defesa, seu abrigo e igualmente sua prisão. O silêncio, que ali encontrava, seria para ele remédio, bálsamo, inspiração. Em meio a esse labirinto habitado por pensadores, filósofos, poetas e escritores, pode-se imaginar esse jovem tão singular tendo uma relação de cumplicidade, quase de sensualidade com os livros.

Personagem de alma livre, ao mesmo tempo submisso e rebelde, abdica, em seus primeiros anos, quem sabe como forma de protesto, dos prazeres mundanos que a posição de sua família teria permitido, para se entregar inteiramente aos estudos. Em suas próprias palavras “sete anos de estudos loucos e desesperados”[2]. Dito diferentemente, para escapar da oprimente atmosfera doméstica e da estreiteza do ambiente provinciano que o envolvia, esse espírito dedicado aprisionado em um corpo frágil recolhe-se em sua poesia, em seus ensaios, em suas reflexões. Seus próprios escritos testemunham a opressão que o cerca no período que vive no palácio da família: “[...] condenado a se consumir nesta aldeia selvagem nativa, entre uma gente *Zotica*, vil; [...]”[3]. Todavia, no período em que o corpo permanece em ambiente fechado, o pensamento leopardiano começa a ganhar “forma” e complexidade até chegar a sua concepção do real, que do “pessimismo individual” culminará com a concepção do “pessimismo cósmico”.

Depois de tentativas fracassadas de fuga, Leopardi consegue, em 1822, se afastar pela primeira vez de Recanati para passar um período em Roma. A cidade, entretanto, o deixa profundamente decepcionado e desconfortável, pois ao contrário do que esperava a descobre decadente e abandonada a própria sorte. A partir de 1825 começa a romper os laços com a família e com seu borgo natal e passa a viajar para Firenze, Bologna, Pisa, Milano etc., e a efetivamente participar dos debates culturais e filosóficos da época.

No que se refere à obra de Leopardi, numa avaliação sem dúvida reducionista, pode-se dizer que esta encerra uma soma de reflexões sobre sua vida pessoal, sobre a linguística, a estética, a política, a filosofia, a história, a natureza, a astronomia, sobre “o insustentável peso do viver”, sobre ilusões perdidas. E é claro, seus escritos não poderiam deixar de refletir o ambiente opressivo da cidade natal, o culto à antiguidade grega e latina, principalmente de seus anos de formação, a época de crise e transição atravessada pela Itália pós-invasão napoleônica, as experiências de suas viagens etc. Influenciado, dentre tantos outros, por Petrarca, sua produção, tanto poética, quando em prosa, contempla temas como, o amor, a desilusão amorosa, a busca pelo prazer, o infinito, o homem e suas relações com a natureza e consigo mesmo, o confronto entre valores do passado e do presente, o tédio, a pequenez do dia a dia.

Como mencionado previamente, seus escritos falam do sofrimento e dos obstáculos com os quais todo ser humano se defronta no percurso da vida e parte importante de sua lírica pode ser compreendida como forma de protesto contra a dor. Porém, igualmente, desses mesmos escritos, emana uma força vital inegável e inimaginável, onde não faltam ironia, bom humor e leveza. De acordo com Wataghin[4], ainda que resultante de árduo labor, de esmerada precisão e exatidão, a leveza habita uma parte da poética leopardiana. Certas poesias como *Scherzo*, são marcadas pela concretude, outras como *Infinito* pela abstração. Ou seja, o conjunto de sua obra é pleno de sentimentos, sensações e sentidos e para dizer o mínimo, de contrastantes.

Seus escritos, que nunca acabam de se revelar e que permitem itinerários infinitos, são marcadas por diversas características e tons. Alguns dos seus textos e poesias são formais, outros utilizam linguagem mais coloquial. Em muitas de suas produções o fio condutor é o pessimismo, em outras a ironia, em outras, ainda, a melancolia. Além do mais, o discurso leopardiano é caracterizado, predominantemente e não exclusivamente, ora pela leveza, outras vezes pela fluidez, outras ainda pela brevidade. Algumas de suas poesias carregam o peso da dor, outras traduzem a felicidade inatingível, a angústia pela busca de prazeres efêmeros.

Na obra que reúne parte de sua lírica, *I Canti*, poemas como *L’infinito*, *La sera del dì di festa* e *Alla luna*, remetem a temáticas como dissolução da esperança, efemeridade, fugacidade do tempo. E neste ponto destaca-se um dos aspectos que atravessa a lírica leopardiana, “a leveza”, recorrendo, para tanto, a um dos grandes escritores italianos do século XX, Italo Calvino. Para Calvino[5] nos poemas de Leopardi “os pássaros, a voz de uma mulher que canta na janela, a transparência do ar, e sobretudo a lua”, comunicam graça e encantamento e são metáforas para a leveza. Embora, “as numerosas aparições da lua em sua obra [ocupem] poucos versos [...]”, diz Calvino[6], já “bastam para iluminar toda a composição com sua luz ou para nela projetar a sombra de sua ausência.”

Com outra perspectiva o livro *Operette morali* (1827), privilegia a forma breve. As vinte e quatro narrativas compostas em forma de diálogos e prosa, tratam de questões filosóficas relativas à condição humana, e de temas como natureza, felicidade, tédio e morte. Outra marca das *Operette* é a ironia. E o registro linguístico é mais informal, mais coloquial do que o de outras obras leopardianas. No texto de *Dialogo di un venditore di almanacchi e di un passeggero* (incluído na segunda edição de 1834), por exemplo, o personagem vendedor de almanques está permanentemente a espera da felicidade (a que virá com o próximo Ano Novo). A narrativa sugere que a felicidade nada mais é que uma vã esperança. Ela não estaria presente no já vivido, sequer no que se está vivendo. A felicidade, no caso, é espera. Ambientada na rua de uma cidade cujo nome não é mencionado, o passante termina o colóquio com ironia: a felicidade, ou a “vida que é uma coisa bela, não é a que se conhece, mas a que não se conhece”, ou seja, depende da espera de algo que não se conhece, da esperança de um futuro diferente e melhor do que o passado e do que o presente.

Por sua vez, *Zibaldone*, é uma espécie de diário, mediação entre a poesia e a filosofia, amálgama desordenado de anotações que formam um verdadeiro mosaico, construído com reflexões filosóficas, fragmentos do cotidiano e que discorre sobre as crises contemporâneas, sobre “a dor do viver”, sobre especulações científicas etc. Pode-se especular que todos esses fragmentos sejam resultado de uma peregrinação “em busca de um livro, talvez o catálogo dos catálogos”[7].

Para finalizar, cremos que a estética desse gênio poético é carregada com as cores da dor e da solidão inerentes à condição humana, mas igualmente porta consigo lampejos de esperança que permitiriam ao homem escapar da condenação a qual está destinado. Por exemplo, um de seus últimos poemas, *La Ginestra*, sugere aos homens, sabedores de seu sofrimento, que se aliem uns aos outros, que sejam solidários, para deste modo poderem aliviar o peso existencial:

[...]

E aquele horror que no princípio  
 Contra a ímpia natureza  
 Reuniu os mortais em social corrente,  
 For restabelecido em parte  
 Por um verdadeiro saber, o honesto e o justo  
 Conversar cidadão,  
 [...] [8]

**Como citar: DAL PONT, Izabel. "Giacomo Leopardi, um espírito livre", v. 3, n. 2, mai-ago, 2022. Disponível em:**

[1] BORGES, Jorge Luis. “A biblioteca de babel”. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad.: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 69.

[2] “sette anni di studio matto e disperatissimo” Lettera di Giacomo Leopardi a Pietro Giordani, Recanati, 2 marzo 1818.

[3] “[...] dannato a consumare in questo Natio borgo selvaggio, intra una gente *Zotica*, vil[...].” LEOPARDI, Giacomo, *Le Ricordanze*. In: LEOPARDI, Giacomo. *Canti*. Milano: Einaudi, 1974. p. 71.

Disponível em: [http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume\\_8/1346.pdf](http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_8/1346.pdf)

[4] WATAGHIN, Lucia. “O labor da lima”. In *Literatura Italiana Traduzida*, v.1., n.5, jun. 2020. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209818>

[5] CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad.: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 1990. p. 39.

[6] Idem.

[7] BORGES, Jorge Luis. *A biblioteca de babel*. Op. cit., p. 70.

[8] LINDO, Luiz Antônio. A giesta la ginestra de Leopardi: tradução e comentário. “Revista Philologus”. Rio de Janeiro, v. 33, n. 11, p. 07–26, out. 2005. Disponível em:

[http://www.filologia.org.br/rph/ANO11/33/RRPH33\\_em\\_A5.pdf](http://www.filologia.org.br/rph/ANO11/33/RRPH33_em_A5.pdf). Acesso em: 10 jun. 2021.

